

## Índice

1. Notícias no século XXI	11
4. Música nas trincheiras	13
6. Turing e a maçã	15
8. Robespierre, o dedo indicador	18
11. A mão do jovem Hitler	23
15. Joseph L. Greenstein — metal e informação	26
16. Fogo em Tóquio	28
17. Malcolm X — calibres 38 e 45	29
18. A voz do imperador Hirohito	31
19. A tragédia de Frank Lloyd Wright — sabem os pastores, sabem os arquitetos	33
20. A sobrinha, Geli Raubal	35
21. O reator atômico de Enrico Fermi	37
26. Memórias de Arthur & Marilyn	41
27. Tito, presidente da Jugoslávia — mapa e cores	43
28. Cinemas 3D, 1951	45
29. O Muro de Berlim	46
30. O julgamento do jovem nazi, 2020	51
31. Nietzsche no sanatório	56
38. As botas de Mussolini	60

## 1. Notícias no século XXI

Animais periódicos, diários, que têm apetite súbito  
quando a presa está fraca,  
fazem da fotografia de um fracasso banquete  
para a enorme pançarra dos muitos sujeitos de saliva na boca.  
Notícias com rostos apanhados em descalabro  
são vendidas no mundo a peso e a metro,  
régua que mede em dólares e não em centímetros.

O dólar como medida internacional da fotografia  
e do espaço.

Quantos dólares têm esta largura e este comprimento?  
Uma hipótese: medir o espaço assim, de forma literal.  
Em vez de régua de carpinteiro, notas de 50 e 100,  
umas à frente de outras ou sobrepostas como soldados mudos;  
e assim se mede o espaço: quantas notas  
deitadas  
ao sol e à sombra  
tem cada lugar e objeto do mundo?

2.

Largura e comprimento em dólares ou euros, sim,  
mas a altura, essa, vem em distância a esse Deus

Gonçalo M. Tavares

que não se sabe exatamente onde está; uma altura indecisa  
e hesitante que balança entre o muitíssimo  
e o muito pouco.

Diferença entre crente e não crente medida assim:  
em quilómetro concreto. Mais perto de Deus,  
como se este fosse vizinho, estão os que não o adoram  
assim tanto.

Demasiado longe ou demasiado perto turva a visão,  
só uma distância média entre o sujeito e o objeto adorado  
pode aumentar no coração o entusiasmo.

3.

Vai metade da energia do Estado para resolver  
o problema,

a outra metade para resolver a notícia.

Com dois lados a acudir, de importância igual  
e posição distinta,

fica o Estado baralhado e sem força ou estratégia.

Qualquer boi ou animal manso o percebe:

impossível avançar inteiro para dois lados

opostos.

#### 4. Música nas trincheiras

Demasiado italiana, diziam no início os nazis —  
saudação com braço estendido à velha Roma;  
mão esticada, virada para a terra, e braço numa diagonal  
entre o avião no alto e o corpo quando morto deitado no solo.

Manifestações no século XXI na televisão e na Europa  
imitam o gesto do mal;  
em 2020, os gestos não são apenas propriedade dos corpos  
mas também da História. Não apenas movimentos  
que esganam um pescoço ou disparam são bélicos,  
há nos símbolos essa potência de ocupar o dia seguinte  
de modo manso, em posição de bom ouvinte,  
ou em agressivo anúncio de terra a queimar.

Nas trincheiras da Primeira Guerra, em 1917,  
a expectativa dos soldados e o aborrecimento nervoso  
que existe antes de matar ou ser morto  
eram, claro, tempo decisivo, e aí,  
pela primeira vez, o Estado colocou nas trincheiras  
música; o entretenimento via rádio e televisão tem, nesse momento,  
o seu *big-bang*. A partir daqui, mesmo cinco minutos antes  
de morreres ou matares, podem os teus ouvidos encantar-se

Gonçalo M. Tavares

e quem souber sapateado que avance; a melhor das danças  
e a mais bela festa pode até ser a última.

Entretidos vão, não nos seus barcos, mas nos seus sofás  
posicionados de modo pouco guerreiro diante da televisão,  
cidadãos de uma Europa inundada  
de documentários sobre o novo vírus  
e a bela história do futuro a preto-e-branco;  
e nas suas trincheiras sentados estão cómodos no cérebro  
e nas áreas anexas mais para baixo, enquanto lá fora  
gestos a imitar o Império de Roma e o III Reich  
avançam sem um oh sequer  
pelas avenidas e praças da Europa e das Américas; como  
se a História para trás não existisse, e apenas o mundo  
começasse o seu cronómetro a sério quando o pacato cidadão  
entretido liga a televisão.

5.

E parece que um raio no Brasil apareceu no céu e era enorme;  
a mais longa luz natural que veio do alto nos últimos tempos.  
Porém, os sinais mais importantes no século XXI não virão em luz,  
mas em corte brusco da clareza e da visão.  
O grande sinal aí está: diante do evidente, nada entendemos;  
a História está a ser fechada no quarto escuro  
e quando a deixarmos sair talvez seja tarde,  
demasiado tarde, para inventar  
o fogo.

## 6. Turing e a maçã

Pode parecer uma simples paralela da realidade  
urgente  
mas de facto foram as matemáticas úteis que  
venceram a Segunda Guerra,  
a 1.ª ficou para a força dos tanques e dos homens.

Turing, génio do detalhe e dos números, levanta o  
braço à encomenda aliada: desvendar o Enigma  
alemão,  
programa de tornar críptico para o inimigo  
o que para o amigo é claro.

Turing em alguns anos descobre o fio e não o larga.  
Se entendes o que está escondido, entendes a superfície;  
um mecânico que opera com peças do futuro  
num chassis antigo.  
Sai do armazém de Turing uma nova inteligência  
sem matéria:  
o código inimigo posto a nu, só falta dizer onde  
o bombardeiro amigo deve esperar a estratégia nazi  
do dia seguinte.